

INTERVALO ANALÍTICO



Francis Bacon. *Figura escrevendo refletida no espelho* (1976).

NARCISISMOS

HOMENAGEM A SÔNIA EVA TUCHERMAN

RECONVERXANDO

"Mas sabe, hoje, com a perda da Sônia, eu diria que a vida é uma festa. Porque, nas festas, temos vários convidados e, num determinado momento da festa, as pessoas começam a ir embora. E quando alguém que gostamos muito vai embora, indagamos: já vai?! É isso que eu sinto. Soninha, você já foi embora?!"

Por Simone Grinapel Prais
página 2

MATÉRIA DA CAPA

NARCISISMOS: do amor de si ao vazio de si

"Na regulação das demandas do aparelho psíquico, Freud estabelece uma balança energética entre a libido do Eu e a libido do objeto..." (Ruth Lerner Froimtchuk)

Narcisismo: antecipação textual da segunda tópica freudiana

"Sem a erótica do Eu, nenhuma relação de objeto seria sequer pensável." (Luciano Elia)

Por Ruth Lerner Froimtchuk e Luciano Elia
páginas 4 e 5

PSICANÁLISE & CIA

Entrevista com Sergio Lucena

"O mistério é a realidade última da vida e, por sua vez, uma condição comum a todos."

Por Sandra Gonzaga e Silva e Tiago Mussi
páginas 8 e 9

FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

Oscar Paixão Carrera Jr.

"Os caminhos são, e serão sempre, uma grande incógnita, apesar de todas as nossas excelentes pretensões."

Por Ruth Naidin
página 11 e 12

Monsieur Narciso



"Madame Bovary sou eu", declarou Gustave Flaubert, autor do romance homônimo, para se defender das acusações que enfrentava desde a publicação do livro que causou escândalo na Paris do século XIX por eleger como tema principal da sua obra o adultério de uma jovem burguesa. Diante do tribunal, instado a responder em quem havia se inspirado para construir a personagem, o escritor deu a resposta definitiva. Posteriormente, Flaubert foi inocentado das acusações de ofensa à moral e à religião. Se é verdade que lhe trouxe aborrecimentos, o processo também ajudou a angariar a atenção do público e fazer as vendas do livro dispararem. Falem mal, mas falem de mim, *et pour cause*.

A frase que passou à história como um misto de autoria, identidade e originalidade – quando ainda nem se falava em autoficção ou ficção autobiográfica – tem um acento narcisista característico que, paradoxalmente, esconde o autor e revela sua famosa protagonista. Se o autor de "A educação sentimental" fosse o *infans* laciano do estádio do espelho, cuja constituição do Eu dependia dolorosamente do Outro, que gozo, ou melhor, que destino ele haveria de ter que não o de se tornar ele também outro?

Assim, ao mesmo tempo que nos constitui enquanto sujeitos, esse Outro pode igualmente nos alienar. Nenhum personagem de Flaubert era mais real que o próprio Flaubert que vemos na "Correspondance", embora ele pregasse que "o autor na sua obra deve ser como Deus no universo, presente em toda parte, mas visível em parte alguma". Ele era o primeiro Adão de uma nova espécie, como Jorge Luis Borges irrepreensivelmente o definiu: "Aquele do homem de letras como padre, como asceta e como mártir", enfim, declinações imperfeitas do narcisismo.

Os autores deste número atraem nosso olhar para as veredas abertas por Freud sobre o tema do narcisismo, que se bifurcaram a partir dos trabalhos de

André Green sobre o narcisismo de vida e narcisismo de morte, que tanto fizeram correr água debaixo da ponte.

Na *Matéria da Capa*, o psicanalista Luciano Elia, membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise e professor titular de Psicanálise do Instituto de Psicologia da UERJ, revisita o Eu e os outros Eus desde "O caso Schreber", passando pela sua personalíssima tradução do seminal "Introdução ao narcisismo" ("Para introduzir o narcisismo"), até chegar a "O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica", do infame doutor que habitava o nº 5 da Rue de Lille. A psicanalista e membro efetivo da SBPRJ Ruth Lerner Froimitchuk também dá largas braçadas pelas águas vastas e frias do narcisismo, com fluidez e profundidade, enquanto alguns nelas se afogam (Jung que me perdoe por ter tomado de empréstimo o que ele disse a Joyce, quando da consulta de sua filha Lucia, mas um pouco de narcisismo é fundamental).

A psicanalista e membro efetivo Simone Grinapel Prais faz uma bela e sensível homenagem à querida colega Sônia Eva Tucherman, lembrando as conversas, os desenhos, as risadas, enfim, alguma coisa que fascinava e encantava a todos. Sônia Eva não morreu, mas ficou encantada, como diria Guimarães Rosa. Simone, não deixe a gente se esquecer disso, tá bem?

Na *Coluna do Instituto*, Eloá Bittencourt Nóbrega, num texto urgente e combativo, fala sobre os ecos da pulsão de morte, da crise de sentidos que atravessa o tecido social, alertando para o risco de o discurso social dominante interferir na nossa escuta, tornando-nos resistentes em "escutar os sujeitos aliados da vida social, vistos como dejetos (...), distantes dos ideais da cultura". No Espaço dos Membros Provisórios, Frances Marques, tomando como ponto de partida as relações especulares entre o Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo (NUPES) e a SBPRJ, fala sobre os primór-

dios das relações de interdependência das instituições psicanalíticas rumo à alteridade.

A psicanalista e membro associado Eliane Marcellino e a aluna do Instituto Paula Maio nos apresentaram ao originalíssimo pintor paraibano Sergio Lucena, que reinventou as cores e as formas do Sertão como o autor de "Grande Sertão: veredas" nunca havia sonhado, entrevistado neste número pela editora Sandra Gonzaga e por mim para a coluna *Psicanálise & Cia*.

O psicanalista e crítico de cinema Luiz Fernando Gallego faz uma resenha psicanalítica sobre o filme "Bergman Island", da diretora Mia Hansen-Love, que conta a história de um outro filme, "O Vestido Branco", cuja narrativa tem como protagonista também uma diretora, porém mais jovem. Esse filme dentro do filme, que irrefletidamente faz pensar em "Cenas de um casamento", narra os desencontros amorosos de dois antigos amantes, Amy e Joseph, durante os poucos dias em que se reencontram para celebrar o casamento de uma amiga na mítica Ilha de Faro.

Em *Fazendo parte da nossa história*, a psicanalista e membro efetivo da SBPRJ Ruth Naidin entrevista o colega e igualmente membro efetivo da SBPRJ Oscar Paixão Carrera Jr., que fala, numa entrevista emocionante, sobre como "levou uma vida despreocupada e ligeira" até seu encontro com a Psicanálise. Na formação psicanalítica, com honestidade e rigor, Oscar cumpre a tarefa de nos apresentar a Freud do ponto de vista econômico.

E, por último, a coluna itinerante *Divulgar é preciso* traz os artigos dos alunos e membros da SBPRJ publicados em revistas e periódicos para que, ao contrário de Narciso, possamos olhar só um tiquinho para dentro, sem, no entanto, ser capturados pelo nosso reflexo no fundo do lago da bela e menosprezada Eco.

Bom mergulho nas águas sempre renovadas do nosso Intervalo Analítico!

//Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Eloá Bittencourt, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Paula Maio, Ruth Naidin e Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2021-2022

Presidente: Lúcia Maria de Almeida Palazzo; **Vice-Presidente:** Miguel Sayad; **1ª Secretária:** Gisela Gorrese; **2ª Secretária:** Priscilla Capua Maia; **1ª Tesoureira:** Sônia Izecksohn; **2ª Tesoureira:** Eunice Raposo de Mello / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ney Marinho (Diretor), Anna-Maria Bittencourt (Vice-Diretora), Maria Noel Brena Sertã (Secretária) / **Conselho Científico:** Luciana Carvalho (Diretora), Maria Elisa Alvarenga (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Áurea Lowenkron (Secretária) / **Clínica Social:** Cláudia Bernardes (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Maria Teresa Silva Lopes (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Viviane Frankenthal (Diretora), Ruth Naidin (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Carlos Pires Leal (Diretor), Flávia Costa Strauch (Secretária) / **Site:** Roberto Franco

RECONVERXANDO



Tal como no Reconverso, de Caetano, quem não riu com a risada de Andy Warhol? Quem não amou a elegância sutil de Bobô? Todos nós gargalhamos com as risadas de Sônia Eva e todos nós amamos a elegância de Sônia Eva.

Comigo funcionava assim:

Uma coisa engraçada? Vou compartilhar com a Sônia;

Uma dúvida? Vou perguntar a opinião da Sônia;

Uma coisa triste? Vou falar com a Sônia;

Um livro interessante? Vou dar para a Sônia;

Um convite bacana? Vou contar para a Sônia.

Era tão automático que quando Sandra Gonzaga me fez esse convite, me deu essa honra, esse presente, ao desligar o telefone, veio o impulso: "vou contar para a Soninha". Como vamos fazer nossas mentes entenderem isso? Como nossas mentes vão enten-

der que o convexo ficou reconverso ou que o reconverso ficou convexo?

Em uma daquelas mil conversas maravilhosas que as pessoas costumam chamar de "jogar conversa fora", falávamos sobre a anedota judaica do sábio que estava à beira da morte e as pessoas foram até ele perguntar "o que é a vida?". Na "minha" anedota, o sábio respondia que a vida é um trem; na anedota "da Sônia" o sábio respondia que a vida é uma xícara de chá. Rimos muito tentando pensar o que uma xícara de chá teria em comum com um trem.

Mas sabe, hoje, com a perda da Sônia, eu diria que a vida é uma festa. Porque, nas festas, temos vários convidados e, num determinado momento da festa, as pessoas começam a ir embora. E quando alguém que gostamos muito vai embora, indagamos: já vai?! É isso que eu sinto. Soninha, você já foi embora?!

É isso que eu sinto. Soninha, você já foi embora?!

Queria continuar conversando com ela.

Agora, parece que fico reconverso, voltando todas as conversas, as risadas, os momentos...

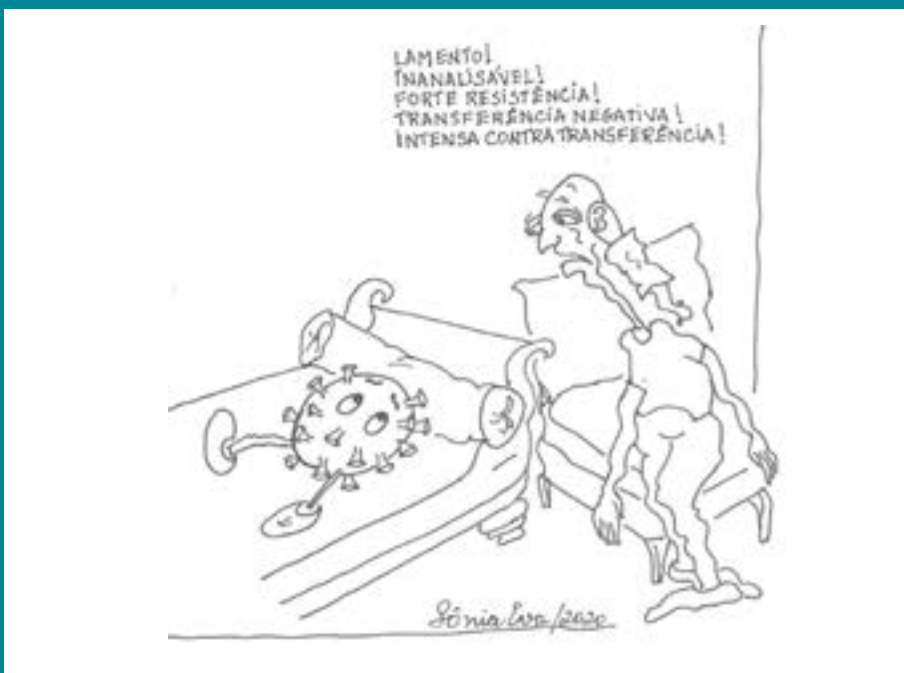
Como vamos entender que o ano terminou sem receber o cartão desenhado por ela, com o humor dela, com a mensagem inteligente da nossa tão querida amiga?

Ela regava todas as suas próprias sementes e as de todos ao seu redor. Qualquer ideia que brotava nas nossas mentes, ela adubava e fazia florir. Eu sempre dizia: "sou sua fã de carteirinha". Ela sorria. Sabemos que o seu fã clube era (e será sempre) enorme.

Lembro, há 30 anos, quando descobrimos que nossos pais vieram do mesmo *shtetel* (vila) da Polônia para o Brasil. Com sua entonação característica, ela exclamou: "Simone, então nós somos da mesma família!"

Soninha construiu uma enorme família. Ela abraçava todos nós, acolhia, nutria de ideias, de aconchego, de comidas judaicas deliciosas, de gargalhadas. Todos nós, da SBPRJ e dos quatro cantos do mundo. Todos nós, que somos um pedacinho de Sônia Eva Tucherman.

// Simone Grinapel Prais
sgprais@terra.com.br



NARCISISMOS: do amor de si ao vazio de si



De “Narciso acha feio aquilo que não é espelho”, decantado pela música de Caetano Veloso, às patologias narcísicas da clínica psicanalítica, a pluralidade de usos do conceito de narcisismo, suas diferentes articulações com a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Cultura, constituem sua riqueza e fecundidade.

Partindo do mito grego de Narciso, que se apaixona pela sua própria imagem e morre afogado nas águas em que se mira, o narcisismo abre-se para a Psicanálise em sua dimensão dupla de fascínio e de tragédia. No senso mais comum e popular, onde ganha um viés negativo, narcisista é alguém que só tem interesse por si mesmo e é insensível ao outro que não lhe diz respeito. Como diz o poeta: “ninguém a outro ama, senão que ama o que há de si nele, ou é suposto” (Ricardo Reis, por Fernando Pessoa). A ética da sobrevivência narcísica constitui a marca distintiva da “cultura do Narcisismo” (Christopher Lash) e da “Sociedade do espetáculo” (Guy Debord). Na supervalorização do sucesso pessoal, da necessidade de ser constantemente admirado em prejuízo dos laços sociais e ideais comuns, não há lugar para o fracasso e para as perdas necessárias ao trabalho de luto que propicia novos investimentos e crescimento psíquico.

No espelho das redes sociais, onde são exibidos os momentos glamorosos, afetos e identidades fluidas giram em torno de curtidas ou cancelamentos, condição de glória para alguns e exílio social para outros: a vida que não é digna de ser vivida.

O narcisismo, conceito apropriado por Freud e desenvolvido sob múltiplas e complexas facetas ao longo de suas articulações teórico-clínicas, é parte constitutiva da subjetividade. E acompanha o sujeito no percurso de toda a sua vida.

Freud reconhece o narcisismo como uma etapa fundamental do processo de fundação do Eu, a partir do investimento amoroso dos pais sobre a criança, depositária do narcisismo deles renascido: “sua majestade,

“No espelho das redes sociais, onde são exibidos os momentos glamorosos, afetos e identidades fluidas giram em torno de curtidas ou cancelamentos, condição de glória para alguns e exílio social para outros”.

o bebê”. É o “Eu ideal”, condição de perfeição e onipotência.

A partir da elaboração do complexo de Édipo, o Eu deixa de ser o seu próprio ideal e passa a ser regulado por outros ideais e valores culturais e éticos, provenientes das identificações e relações com objetos que vão marcando a sua subjetividade pelo ingresso na vida social.

Na regulação das demandas do aparelho psíquico, Freud estabelece uma balança energética entre a libido do Eu e a libido do objeto: a libido indo e vindo de um para o outro. Em termos de uma “economia narcísica”, a paixão amorosa seria o nível mais alto que pode atingir a libido de objeto: o Eu se empobrece de libido em favor do objeto de desejo. Mas nunca poderemos viver sem uma reserva de “libido do Eu”, mesmo nos casos extremos da paixão. Já no delírio de grandeza ou no estado maníaco do psicótico, o Eu se infla da libido que retorna dos objetos do mundo externo do qual ele se afasta.

O amor por si mesmo, enquanto autoestima, é remanescente do narcisismo infantil, de um tempo em que o sujeito era “sua majestade, o bebê”, a perfeição narcísica. Ao contrário do narcisismo tomado em seu sentido exacerbado e patológico (que, paradoxalmente, denuncia a falta de um bom narcisismo), esse amor por si mesmo constitui uma base sólida para a capacidade de fruição do prazer.

A introdução do conceito de pulsão de morte (1920) na nova dualidade das pulsões, representadas pela pulsão de vida e de morte, exigiu ajustes e redefinições ao conceito de narcisismo.

Pensando a cultura e os fenômenos sociais, Freud descreve o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, onde a pulsão de morte vai se revelar em sua dimensão destrutiva. Se o amor fundamenta os laços entre os iguais, as pequenas diferenças em relação ao outro da cultura e do social, percebido ao mesmo tempo como estranho e familiar, provocam sentimentos de aversão e hostilidade, transformando-se numa ameaça para o equilíbrio narcísico.

As patologias narcísicas, assim chamadas devido a falhas muito precoces na constituição do Eu narcísico e das instâncias ideais, configuram quadros clínicos de grande sofrimento psíquico, onde a pulsão de morte se faz presente por meio da tendência ao desligamento, ao desinvestimento (“um desejo do não-desejo”). As perdas e experiências traumáticas marcadas precocemente nas relações com o objeto primário (mãe) deixam sentimentos de vazio, desvitalização e desesperança nos objetos... Há um prejuízo na capacidade de amar e se valorizar, de modo a obter satisfação pelas realizações alcançadas. São situações clínicas que nos colocam, como psicanalistas, no limite da analisabilidade.

// **Ruth Lerner Froimtchuk**
ruth.lf@gmail.com



Narcisismo: antecipação textual da segunda tópica freudiana

O narcisismo (*Der Narzissmus*) é um dos conceitos mais instigantes do *corpus* teórico freudiano. Como ocorre com os seus demais conceitos, ele é forjado pelo verbo comum, mas certamente para subverter o sentido comum da palavra escolhida, introduzindo um senso incomum: narcisismo, como outros, é extraído da língua comum dos mitos, no caso, o mito de Narciso, aquele que morreu afogado em sua própria imagem na água por supor que ela seria a de um objeto pelo qual estava fascinado.

Todavia, o conceito de narcisismo é tributário do mergulho que Freud foi levado a dar em outras águas, as da psicose, por meio da Psicanálise da obra literária, um relato autobiográfico, de um eminente psicótico, o Presidente Schreber. Freud já havia subvertido a noção de sexualidade no mundo científico, começando por demonstrar que ela é um campo, e não uma função entre outras do elenco psicofísico. Quanto ao Eu, ele não tinha dado um passo comparável. A clínica freudiana era constituída quase que exclusivamente por sujeitos neuróticos, que não colocavam para Freud a questão: como se constitui o Eu? – não importa qual, inclusive o Eu do neurótico. Ele chega para a análise com seu Eu constituído e atormentado com suas “relações libidinais de objeto”. O psicótico, este sim, chega muitas vezes com seu Eu inconstituído, ou fragmentado, e isso coloca para o psicanalista – Freud, em primeiro lugar – a exigência de dar uma resposta psicanalítica, até então ainda faltante, à questão da constituição do Eu em termos rigorosamente psicanalíticos. A teoria do narcisismo é essa resposta.

No entanto, ela só foi possível porque, em 1911, Freud tomou as *Memórias do Presidente Schreber* em análise e produziu uma teoria monumental sobre a Psicanálise da psicose, referência incontornável para todo psicanalista que ainda hoje decida adentrar esta espinhosa e tão necessária clínica. Disso decorreu, 3 anos depois, a

"A clínica freudiana era constituída quase que exclusivamente por sujeitos neuróticos, que não colocavam para Freud a questão: como se constitui o eu?."

introdução do conceito de narcisismo na Psicanálise, no famoso texto de 1914, insistentemente traduzido de modo errado para *Introdução ao narcisismo*, quando o original é: *Para introduzir o narcisismo*¹ – onde? Justamente, na própria Psicanálise, o que, aliás, provocou maremoto e mudou o rumo do navio freudiano, inclusive no que se refere às neuroses. Lacan diz que o escrito de Freud sobre o narcisismo é o primeiro texto da segunda tópica, escrito, entretanto, como sabemos, um ano antes (em 1914) da sistematização da primeira (nos famosos textos metapsicológicos de 1915). Lacan quer, com isso, dizer que as questões colocadas em 1914 antecipam o que só encontrará pleno desenvolvimento teórico a partir de 1920, com a pulsão de morte e a segunda tópica.

Além disso, Lacan dará seu passo de entrada no ambiente científico da comunidade psicanalítica exatamente com um escrito que interpreta o texto do narcisismo de Freud: no XVI Congresso Internacional da IPA, em Zürich, 1936, Lacan apresenta “O

estádio do espelho como formador da função do Eu tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica”. Foge ao âmbito deste curto comentário detalhar o que significou aquela intervenção de Lacan. Porém, podemos concluir assegurando que ele resgata o espírito do escrito de Freud ao não situar o narcisismo como a antítese (supostamente egoísta ou individualista) das relações de objeto.

Sem a erótica do Eu, nenhuma relação de objeto seria sequer pensável. E, se pensarmos o narcisismo em uma perspectiva dialética, entenderemos que o Eu é a condição *sine qua non* do objeto, porquanto é, ele próprio, o primeiro objeto do investimento da libido do sujeito: muito mais do que uma instância psicológica com poderes de entendimento, administração gerencial da realidade ou mesmo de síntese, o Eu é um objeto e, aliás, extremamente precioso nos avatares e nas aventuras do desejo humano.

// Luciano Elia

Psicanalista, membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise, professor titular de Psicanálise do Instituto de Psicologia da UERJ.
lucianoelia@uol.com.br

¹ FREUD, S. – *Zur Einführung des Narzissmus* (1914), in *Studienausgabe*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1975, Bd. III.



Cena do curta-metragem *Um Cão Andaluz* (1929), de Luis Buñuel.

URGÊNCIA E LUTA



"... Se eu tivesse um pedido seria // Luta por mim... Agora ceis não vão me esquecer né? // ...Mas agora usam meu nome pá pedir por justiça! // Nunca nem me ouviram, mesmo que eu gritasse // Mas agora que eu virei estatística // Ceis vão usar meu nome e minha imagem // Pra pedir pelo fim da polícia // E se eu morresse hoje, amanhã era notícia // Mas quem eu era? Isso ia ser questionado // E que que eu fiz pra tomar três tiros no peito? // Preto na rua de noite? Com certeza era algo errado! // Virei postagem na sua rede social // Cê lamentou e escreveu sobre a repressão policial // Sua hashtag foi o ponto final // Dizia "Vidas Negras Importam" pra você isso foi o diferencial // É que é toda vez a mesma merda // Ceis mata um eu de carne pra fazer um de pedra // Movidos pelo tesão por tragédia // Agora morto eu tenho mais voz do que vivo, parece comédia! // Deixa minhas lembranças pros meus // Deixa minha mãe chorar minha morte e vê se não interfere! // Que cê não entende // por que um de nós morreu // e o quanto dói ser invisível pela cor da sua pele // Não fui criado pra agradar sua raça // E mesmo assim ceis lamentaram por que eu parti cedo // Mas eu já te trombei em vida // e mesmo sem nem ter feito nada // Cê mudou de calçada, por medo // Não quero meu nome no seu protesto, dentro da sua faculdade onde é raro ver preto // Nós não habitamos os mesmos lugares // cê falar que sente o mesmo que os meus não é normal // E só lembrar que preto existe//quando morre é aceitar // que eu preso ou morto já é algo cultural // Ceis não vão mudar porra nenhuma // Mais um corpo preto no chão // E não muda porra nenhuma..." (Jup do Bairro e Mulambo, Luta por mim, 2020).

Agora, são nove corpos no chão no Complexo do Salgueiro e, hoje, talvez mais, porque "não muda porra nenhuma". Helena Vieira, na mesa Conferência Paulo

Galo & Helena Vieira, XX Jornada EBEP-Rio, 2021 (YouTube), fala da crise de sentido, crise das lutas, que não são mais dos heróis, as grandes e, sim, das pequenas lutas. Afirma que precisamos acessar outros sentidos, a descolonização da memória para acessarmos os conhecimentos latentes, para reabilitar o sentido da luta e das formas de lutar, evidenciando que foram as pequenas práticas de vida que fizeram com que coletividades atravessassem tempos de morte. Vivemos uma urgência no presente e não nos damos conta!

Mirian Debieux Rosa (*Uma escrita psicanalítica das vidas secas*, 2002) vai dizer que os psicanalistas não se dão conta de como o discurso social dominante pode

interferir na escuta, resistência em escutar os sujeitos aliados da vida social, vistos como dejetos, pela criação de uma impressão imaginária da miséria e pela suposição de que eles estão distantes dos ideais da cultura. Os psicanalistas precisam ser desarrumados, desalojados, urgentemente, para fora da razão colonial, para buscarem "memória/conhecimento onde não esperam encontrar" (Helena Vieira).

Pois "...é nesse povo das favelas, no seio do *lupen-proletariat*, que a insurreição vai encontrar sua ponta de lança urbana" (Fanon, *Condenados da Terra*, p. 106).

// Eloá Bittencourt

eloá_bittencourt@hotmail.com



Lasar Segall. *Viúva* (1919).



Interdependência da vida não cotidiana

Em 1910, foi criada a IPA e, em 1959, nasceu a SBPRJ, comprometida com a formação de psicanalistas e tantas outras atribuições. Em 1995, com patrocínio da SBPRJ, foi fundado o Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo – NUPES. Está na origem da Psicanálise um modelo estrutural que se desdobra em interdependência entre as instituições, havendo necessidade de intercâmbio e apoio. Tanto ontem quanto hoje. Com aparato teórico e clínico transmitidos pelos psicanalistas da SBPRJ, mais a força e persistência de membros locais, o núcleo do Espírito Santo mostrou a que veio e cinco de seus membros iniciaram a formação na SBPRJ.

Nesse rumo, saliento a existência de atributos específicos inatos, congênitos e relacionais – em especial da vida intrauterina e infância – que os indivíduos possuem e que fazem as coisas andarem. Está na história do núcleo capixaba a cooperação e seriedade, ainda que às custas do manejo nada simples do narcisismo das pequenas diferenças, que, em momentos difíceis, afetam a coesão dos projetos do núcleo. Os atributos de cada membro são partes integradas da constituição do Eu – narcisismo – que se configuram em singularidades, ao mesmo tempo em que podem também ser ofuscados pelas exigências supressivas do grupo enquanto massa, tornando-se amalgamado.

Desse modo, os atributos de cada um correm um duplo risco narcísico na vida institucional, caso haja delongas em vincular-se à alteridade: egoísmo ou hipocrisia. O suposto amor a si mesmo é rígido e conservador, e dificulta conciliações nas divergências entre membros, pois há uma tendência de envai-decer-se ao ponto de ser tragado, como Narciso, resvalando, assim, para o egoísmo.

Noutra possibilidade, o membro se identifica com um ideal do Eu que estaria “fora” dos ideais base da instituição, mantendo-se, assim, sem envolvimento genuíno, “pegando só o que lhe interessa”, portanto, resvalando para a hipocrisia. Possivelmente, todas as instituições oscilam para mais ou para menos nesses efeitos de operação do narcisismo. Manter-se consonante consigo, no esforço da convivência com as diferenças rumo à alteridade, mesmo que o acesso a ela, sabemos, não ocorra sem alterações no psiquismo e no grupo, alavanca o progresso dos domicílios psicanalíticos, ainda que deixando marcas indelévels, como aquelas do “Comitê Secreto”, de 1912, criado com finalidades de evitar desvios da Psicanálise, contando com a proteção de psicanalistas e outros escolhidos por Freud.

No fundo, o que interessa mesmo é a continuidade e a expansão da Psicanálise, tendo em vista a precariedade da atenção à saúde mental em nosso país, especialmente nas regiões onde as formações da IPA já se consolidaram e onde ainda estão por consolidar. E se a Psicanálise transpôs dificuldades como a da “sociedade secreta dos anéis”, com membros escolhidos a dedo pelo mestre em busca de uma mão, quem somos nós para não lançarmos mão de alianças? Todos precisamos um do outro para fazer quase tudo nesse mundo. Colocar anel e fazer alianças é um cuidado compartilhado. Para isso, vale quase tudo. Menos ficar de fora!

// **Frances Vieira Braga Marques**

frances.apm@gmail.com



Diego Velázquez. *As Meninas* (1656).



Cortesia Studio Sergio Lucena.
Fotografia: Márcio Fischer©

Sergio Lucena

Sergio Lucena (João Pessoa, PB – 1963) é pintor e sua origem é o Sertão, cuja paisagem vasta, árida, cheia de silêncios moldou seu jeito de ser e de ver as coisas. Vive e trabalha em São Paulo. Estudou Física e Psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A partir da década de 1980, passou a se dedicar ao desenho e à pintura. Seus trabalhos foram expostos em diversas mostras no Brasil e no exterior, tendo recebido, em 2012, o Prêmio Mário Pedrosa para Artista Contemporâneo, da Academia Brasileira de Críticos de Arte. Em 2021, realizou exposições individuais em Chicago (*The Blue That Embraces Me*) e em Curitiba (*Espelho*) e coletivas em Paris (*J'ai deux amours*).

Em que ponto você está?

Este ano, 2021, foi intenso em todos os aspectos. Se por um lado enfrentamos uma tragédia coletiva, individualmente foi um ano de imensas conquistas com exposições em Chicago, Paris e no Brasil. É como se houvesse uma lógica compensatória nos acontecimentos da vida. Para o próximo ano, já tenho programada uma mostra individual com a galeria que me representa no Brasil e a participação numa importante mostra institucional, ambas em São Paulo.

Fale-nos do seu percurso.

Meu início foi aos 17 anos, introduzido ao mundo da pintura pelo artista Flávio Tavares, que foi um mestre em todos os sentidos da palavra. Desde então, movido pela curiosidade, paixão e benção dos Deuses, foi-se construindo uma realidade. Hoje, aos 58 anos, graças a uma trajetória absolutamente heterodoxa, tenho um his-

tórico de exposições em instituições no Brasil, EUA, Alemanha, Dinamarca, Portugal, com presença em coleções privadas e públicas nesses países. Várias residências artísticas no exterior e no Brasil. Sou representado por galerias nos EUA, França, Portugal e Brasil. Por tudo isso, sou grato àqueles que acreditaram em mim. Em resumo, um percurso que, a partir do Sertão da Paraíba, tudo enfrentou, fazendo lembrar aquela máxima: "não sabendo que era impossível, foi lá e fez".

"O corpo pinta, minha cabeça fica olhando. E eu procuro evitar que ela atrapalhe a pintura, porque ela acontece além da minha racionalidade", você disse na apresentação de sua última exposição. Na sua opinião, qual o lugar do irracional, do inconsciente, na arte contemporânea e, em especial, na sua pintura?

Essa afirmação é uma metáfora. Óbvio que sei fazer o que faço, entretanto se detenho-me ao que sei fazer, posso até ser um bom artesão, mas não um artista. O que nos ronda, ainda sem forma, está a pedir seu lugar no mundo, de sorte que, na arte, o importante é deixar que aquilo que ainda está por Ser se manifeste. Como é possível que isso aconteça a partir do que se conhece? Com o conhecido, podemos fazer mais do mesmo, por isso a necessidade de sair da frente, de abdicar das certezas e deixar ser o que quer Ser. A arte contemporânea que me interessa está alinhada com uma visão de mundo incluyente e sustentável, que é o que entendo como uma abordagem espiritual da vida. Nesse contexto, sobre o que eu faço, pouco sei afirmar objetivamente, dado que não me detenho a um discurs-

so específico, seja identitário, político ou social. Me alinho a artistas que ampliam o discurso inclusivo, a exemplo de James Turrell, Anish Kapoor, Olafur Eliasson, Tunga, Ernesto Neto e vários outros. Respondendo à sua pergunta, o lugar do irracional na minha pintura afirma que faço o que não sei fazer. Certamente, refiro-me a algo em mim para além da minha capacidade de compreensão, portanto inconsciente em termos racionais. Entretanto, o fato de a razão não dar conta da realidade com a qual eu lido, não implica em estar a lidar com uma dimensão paranormal. Ao contrário, antes entendo tratar-se de uma outra ordem de consciência, uma que inclui o corpo e tudo o que ele é capaz de acessar.

Você propôs pensar a pintura como um lugar de espelhamento, de autoconhecimento. O que você procura através da sua arte?

Busco por um lugar comum, um espaço de comunhão. Refiro-me ao que, a despeito das diferenças culturais, étnicas, de gênero ou classe social, diga do humano. A Ciência já confirmou que a espécie humana como um todo define-se pelo mesmo código genético. Essa informação me sugere existir uma realidade fundante a todas as esferas da condição humana. Uma realidade que diz, simultaneamente, de mim mesmo, do outro e da natureza, nossa origem comum. Outro dado incontornável que, para mim, reforça a ideia de uma realidade compartilhada é a morte. O que se dá após seu evento é passível de qualquer hipótese, mas nenhuma certeza. O mistério é a realidade última da vida e, por sua vez, uma condição comum a todos.

"O que nos ronda, ainda sem forma, está a pedir seu lugar no mundo."

Bianca Coutinho, psicanalista e crítica de arte, no seu belo texto introdutório à exposição Espelho, o apresenta como um poeta alquímico. Como se dá o seu diálogo com as diversas facetas da arte e do saber?

O aspecto alquímico da minha atividade diz da relação com os elementos da lida diária; pigmentos, óleos, *mediums* etc. Ao longo da vida, os elementos materiais tornaram-se uma extensão de mim mesmo. Há uma sabedoria inerente ao fazer, um conhecimento introjetado pelos anos

de experiência que se manifesta numa espécie de intimidade com os elementos químicos. Em alguma instância, a elaboração desses elementos no decorrer do processo pictórico encontra correspondência na sua dimensão subjetiva. É como se o elemento químico, matérico, alcançasse a mesma qualidade e natureza do elemento subjetivo, formalizando, assim, por meio do amálgama das realidades física e subjetiva, o objeto de arte. Em outras palavras, algo como a máxima alquímica: 'O que se busca é a libertação do espírito

contido na matéria'. Ou seja, a obra de arte espelha, para o artista e para aqueles que com ela se identificam, a libertação de determinadas forças que até então lhes eram inconscientes. Tais forças não mais implicam em ameaça ou perigo, visto estarem agora formalizadas e passíveis do desfrute consciente, tornando-se, assim, fonte de prazer e encantamento.

O saber psicanalítico faz parte desses possíveis diálogos?

Vejo uma profunda correlação entre esses saberes. O processo psicanalítico remete em várias instâncias ao processo artístico, daí porque práticas como modelagem, pintura, música etc. são tão usadas em processos terapêuticos, salientando que é a atividade artesanal que, nos processos terapêuticos, cumpre a função de cura. A dimensão da arte, por sua vez, é outra. De maneira que essa não é uma analogia válida para o artista, ele não se cura no processo artístico. Ele simplesmente alivia sua dor momentaneamente.

// Sandra Gonzaga e Silva
gonzaga.sagon@gmail.com

// Tiago Mussi
tiagofrancoh@gmail.com



Sergio Lucena. Pintura nº 25, 2012, óleo sobre tela, série ÆNIGMA. Fotografia: Márcio Fischer©.



O VESTIDO BRANCO



Em “Bergman Island”, filme deste ano, da diretora Mia Hansen-Love, um casal de cineastas, Chris e Tony, estão desenvolvendo roteiros na Ilha de Farö – onde Ingmar Bergman rodou várias de suas obras, morou por décadas e está enterrado. Chris está com dificuldade para concluir o enredo que tem em mente e passa a contar para Tony o que imaginou até agora. É quando passamos a ver cenas de “O Vestido Branco”, um filme dentro de outro filme que tem como personagem central também uma cineasta, só que mais jovem, Amy.

Ainda adolescente, Amy namorou Joseph, só dois anos a mais do que ela. Quando ele completou 18 anos, a deixou; voltaram a ser amantes e novamente se afastaram. Chris fala que na primeira vez em que Amy e Joseph estiveram envolvidos foi “cedo demais” e, na segunda, “tarde demais”. O filme que Chris está imaginando acontece durante poucos dias do novo reencontro de Amy com Joseph, convidados para o casamento de uma amiga comum cujas festividades vão acontecer durante alguns dias na “ilha de Bergman”.

Na primeira vez em que vemos Joseph conversando com Amy, formamos uma ideia sobre como cada um lida com a representação intersubjetiva que cada um faz do outro. Ele comenta sobre um perso-

nagem do recente filme que ela fez. Amy pergunta qual personagem, ele diz “aquele que sou eu”, criticando que (o ator?) não tem a boa aparência dele, nem é tão interessante quanto ele. Ela rebate, dizendo que até achou que o estava idealizando. Joseph se surpreende, pois pensa que Amy mostrou uma imagem menos favorável em relação a como ele se vê – o oposto do que ela diz ter feito ao usá-lo como modelo, mas idealizado.

É evidente que Amy espera voltar a transar com ele. E mais do que apenas isso, e – apesar de estarem em relacionamentos estáveis com outras pessoas – retomar a vida com ele. O “vestido branco” se refere à única roupa elegante que ela queria usar na cerimônia religiosa: uma cor que, geralmente, é reservada apenas para a noiva. Fica claro o significado que teria para Amy este “equívoco” na vestimenta.

Durante os dias, eles estão juntos com frequência, mas ele não demonstra nenhum interesse em um contato mais íntimo. Só na terceira noite é que dormem juntos. Ela pergunta se ele ainda gosta de fazer amor com ela e ele pergunta se isso não ficou evidente. Amy diz que gostaria que ele falasse isso. Joseph conta que sua atual namorada sente ciúmes de Amy, mesmo que ele nunca fale dela. Amy se aborrece, recua quando ele quer transar de novo, mas acaba cedendo. Na manhã seguinte, Joseph está mal-humorado, dizendo que Amy pode lidar bem com traições, mas ele, não: “não poderia olhar para minha namorada agora”.

Não importa o resto da história: já temos elementos para perceber as posições narcísicas – quase antagônicas – de Amy e de Joseph. Ela considera que – quando usou aspectos de Joseph para construir um personagem de seu filme – ele foi “idealizado” por ela. A forte necessidade de idealizar outras pessoas é característica de algumas

estruturas em que o que está em déficit é exatamente a autoestima: em tais configurações, é intensa a necessidade de espelhamentos – tais como “fale que gosta de transar comigo”, um reassuramento sobre o quanto pode acreditar ser amada. Tais “espelhos” devem reunir os aspectos que lhe parecem faltar. E Joseph parece estar sempre muito satisfeito consigo mesmo; é ele que abandona, jamais é abandonado. Quando se recrimina por ter ficado com Amy é porque isso arranhou sua autoimagem de pretensa perfeição e autossuficiência, jamais pelas repercussões sobre Amy ou sobre seu atual relacionamento. Ele não quer se ver como uma pessoa que “traiu”, mas deixou-se cortejar por Amy e usufruiu da carência e da entrega da outra em toda sua gritante fragilidade. Se ele sugere um narcisista que pode usar outras pessoas para o maior engrandecimento de sua autoestima, ela apresenta o que poderíamos chamar de um “narcisismo de falta” ao eleger tal objeto como o único que poderia restaurar sua autoimagem desvalorizada.

Algumas pessoas ficam mesmo aderidas a objetos arcaicos faltantes, insistindo em tais investimentos – mesmo que sempre frustrantes – por uma forte “adesividade da libido” (para Freud, uma das maiores dificuldades enfrentadas em um processo de análise). Com Kohut é que tal forma menos manifesta de um narcisismo mal resolvido pôde ser compreendida como tendo possibilidade de resultar num trabalho psicanalítico, já que as demandas de idealização do analista, de espelhamento (como função do analista) e busca de uma similaridade alter-ego com o analista seriam manifestações transferenciais de carências narcísicas bem antigas.

// Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com



Cena do filme *Bergman Island*.

NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

Assembleia Geral - 13/12/2021:

1) Homologações: 1.1) Credenciamento a membro efetivo com funções específicas do Instituto: Ana Maria Sabrosa e Carlos Pires Leal; 1.2) Qualificação a membro efetivo: Haydée Pina Rodrigues; 1.3) Término da Formação Psicanalítica e qualificação como membro associado: Michelle Gorin; 1.5) Diretora do Conselho Científico: Maria Elisa Alvarenga; 1.5) Editora da Revista TRIEB: Magda Rodrigues Costa.

Entrevista com Oscar Paixão Carrera Jr.



Simpático, brincalhão, inteligente, consistente, Oscar carrega nos ombros a imensa responsabilidade de nos introduzir, a quase todos de nós, a Freud na formação, muito especialmente ao Freud do ponto de vista econômico, dos trilha-mentos e facilitações, das representações e suas cargas. Rigoroso e coerente e honesto. Freud e Oscar. Nessa entrevista, ele compartilha ideias sobre a formação, os alunos e a Sociedade, e somos apresentados à sua longa trajetória de professor e músico, iniciada aos 15 anos!

Conte-nos sobre a sua trajetória até chegar à Psicanálise.

Agradeço a todos a oportunidade de lembrar e poder relatar essa trajetória que me levou de uma vida despreocupada e ligeira até o meu encontro com a Psicanálise. Naquela época, pré-Psicanálise, com certeza o que mais me intrigava eram algumas experiências cotidianas que me despertaram uma surpreendente “existência paralela”. Uma convicção de que algo da ordem do estranhamento fazia parte do dia a dia de minhas observações. Frases como “Se for para mim, diz que não estou” me faziam pensar que aquela simples fala revelava uma razoável quantidade de “eus” simultâneos. Como não perceber as várias versões sobre os mesmos fatos? Com certeza, aprendi a observar e concluir que aquilo que era manifestado, nem sempre estava em consonância com os comportamentos e intenções. Entre os 10 e 15 anos, assistia ainda nas antigas TVs de casa um filme cheio de enigmas que iam sendo decifrados, tendo como base apenas o pensamento. Adorei aquilo! Muito inteligente, fora do comum e, anos mais tarde, vim a saber que era justamente o filme “Freud Além da Alma”, arrebatador. Quando decidi que cursaria Medicina, sabia com tranqüila convicção que a minha especialidade de escolha seria justamente a Psiquiatria. Frequentando instituições psiquiátricas, me sentia muito identificado com alguns psiquiatras que me pareciam diferentes dos demais, mas eu não poderia, naquela época, entender bem qual era a diferença entre eles. Em um congresso em Brasília, me entusiasmei com um professor argentino que ministrou um breve curso sobre a adolescência. Aquele encontro, muito carinhoso e receptivo, motivou a minha ida a Buenos Aires, após a minha formatura em Medicina, para realizar uma experiência de seis meses,

ainda com o pensamento voltado para a psiquiatria das questões da adolescência. Novamente, naquela cidade, aconteceu que alguns psiquiatras se diferenciavam por meio de um enfoque, uma abordagem diferente, que, para mim, fazia o maior sentido. Descobri que eram os psicanalistas, um grupo de psiquiatras diferenciados. Decidi, então, que este seria meu destino, a Psicanálise, e com enorme dificuldade e perseverança, transformei os seis meses em seis anos, nos quais realizei a minha formação psicanalítica na *Calle Rodrigues Peña*, APA. Graças à generosidade desinteressada de muitos colegas e professores, adquiri lentamente por meio de livros, supervisões, anotações de aula, conferências, simples conversas e minha própria análise, todo um conhecimento sobre a teoria psicanalítica. É curioso que, quase sempre, agregamos ao final de um trabalho nosso uma bibliografia que nos capacitou a escrevê-lo, mas nem sempre comunicamos essas outras importantíssimas contribuições.

Você é professor de todas as gerações de analistas há mais de 30 anos. Esta é uma posição privilegiada para nos falar sobre a sua experiência na transmissão da Psicanálise.

Sobre essa questão de ser professor, tudo isso faz parte de uma outra história muito interessante. Foi a partir dos meus 15 anos que comecei a lecionar pela primeira vez – aulas de violão – o que me possibilitava, naquela época, garantir todo investimento econômico necessário para frequentar a Faculdade de Medicina. Desenvolvi muito cedo o prazer de compartilhar meu conhecimento, mesmo que limitado, com aqueles interessados em aprender. Nunca recusei um aluno por respeito àqueles que, como eu, se interessavam por aprender algo, mesmo que fosse pouco o conteúdo transmitido ou mesmo por pouco tempo disponível. Em Buenos Aires, no Departamento Cultural de nossa Embaixada, dei continuidade a esse ensino, ao mesmo tempo que comecei a dar aulas sobre a Obra de Freud, em várias instituições, talvez pelos idos de 1980. De volta ao Rio de Janeiro, em 1982, após concluir a formação psicanalítica, aos 33 anos, comecei a participar, como professor, em cursos sobre a Obra de Freud que eram ministrados na nossa Sociedade (SBPRJ), procurando retribuir todo o carinho que encontrei ao ser aceito como membro convidado de nossa Instituição. Nada seria mais

justo para mim do que contribuir, compartilhando esta minha paixão pela Psicanálise. Realmente ao longo desses 36 anos, de maneira ininterrupta, venho me dedicando a passar para as várias turmas os conceitos que considero fundamentais, encontrados na Obra de Freud. Dessa maneira, acredito que eu venha aprendendo bastante.

O que você tem observado e pensado a respeito da entrada dos alunos não psis para a Formação?

Como disse antes, não recuso alunos realmente interessados em aprender, que expressam, como pude comprovar nas novas turmas, essa real dedicação ao estudo. Tenho certeza de que sempre acontecerá um lindo encontro com muita troca de informações, aportes teóricos diversos, muita criatividade e pertinência. Impossível repetir uma mesma aula sobre o mesmo tema, pois sempre haverá a emergência de algo inédito que, por vezes, nos conduz a textos distintos daqueles planejados, mas tendo sempre como objetivo a busca da compreensão pretendida.

E sobre os caminhos da Brasileira?

Os caminhos são e serão sempre uma grande incógnita, apesar de todas as nossas excelentes pretensões. Nas várias gestões que administram a nossa SBPRJ, acredito que os resultados serão sempre proporcionais aos investimentos teóricos e afetivos de todo nosso grupo. Mantenho um entusiasmo muito grande por bons resultados.

E sobre o seu trabalho durante a pandemia? Voltaremos aos consultórios?

A pandemia representou um *turning point* agudo e definitivo. Como nos dizia Freud, sempre que fosse necessário, a técnica psicanalítica deveria sofrer alterações. O incremento do atendimento *online* é impactante. Acredito que essa nova modalidade veio para ficar. Antes mesmo da pandemia, já ensaiávamos esse tipo de atendimento, em algumas raras situações terapêuticas, e não acredito que imaginássemos tamanha modificação. Hoje, durante nossa prática de atendimento, nos distanciamos bastante daquele modelo que era considerado o único adequado para a prática psicanalítica. Passamos a conviver, durante as sessões, com ruídos caseiros, crianças, animais, vizinhanças residenciais

das mais variadas, pacientes em trânsito durante as sessões e uma sucessão de ineditismos. Vamos aperfeiçoando. Com certeza, retornaremos aos consultórios, como já estamos retornando. Acredito que um sistema híbrido permitirá o aumento de relações e vínculos atuais. Pudemos encurtar as distâncias, o que nos permitiu realizar atendimentos em qualquer lugar e hora, tanto em território nacional quanto internacional. O que parecia tecnicamente contraindicado virou rotina. Alguns poucos pacientes, por seus diversos motivos, apresentaram uma enorme dificuldade para o atendimento a distância e permaneceram em tratamento segundo os moldes tradicionais, fazendo com que o atendimento nos consultórios ainda resistisse.

O que você considera fundamental para alguém ser psicanalista? E o que você recomendaria aos iniciantes?

No meu entendimento, ser psicanalista é iniciar a busca de um conhecimento de si. Isso deve acontecer por meio de uma boa análise pessoal, que não faça concessão às perigosas tentações de negligenciar esse propósito. É importante o estudo da clínica e da teoria, que tantos brilhantes percursos nos legaram, como ponto de partida para nosso desenvolvimento profissional. Por meio dessas realizações, nos capacitaremos como profissionais de Psicanálise, mas só isso não é suficiente para vir a ser um analista. Apenas quando acontecer o início de um tratamento psicanalítico, sob supervisão, pode-

remos vivenciar o momento em que passamos a ser nomeados como psicanalistas, estes, sim, construídos pelos importantes vínculos transferenciais.

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com



Divulgar é preciso

Inspirados pelos famosos versos do poeta português Fernando Pessoa “navegar é preciso, viver não é preciso”, esta coluna itinerante pretende passar em revista os artigos dos membros e alunos da SBPRJ publicados em livros, revistas e periódicos. Se você está acessando a versão digital do jornal, basta clicar nos links para conferir os artigos na íntegra. Boa navegação!

1 - André Luiz Alexandre do Vale e Marta Rezende Cardoso. *Domínio e passividade na economia psíquica de agressores sexuais*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 69, p. 207-217, 2017. [Disponível neste link](#).

RESUMO: Este artigo, fundamentado no saber da Psicanálise, é dedicado ao estudo dos mecanismos defensivos em jogo nos atos de violência sexual. Consideramo-los como uma das respostas possíveis do ego diante de uma excitação desorganizadora no mundo interno. Para elaborar essa hipótese, exploraremos a noção de domínio na qual identificamos duas dimensões: dominar o objeto externo por meio do poder, da força e, subjacente a esta, a dominação no mundo interno da invasão de uma força pulsional excessiva. Na relação de domínio, travada nos atos de violência sexual, o objeto deve ser ultrajado, colocado na posição de coisa a manipular. Esses atos, de natureza eminentemente perversa, sinalizam a afirmação de onipotência narcísica do sujeito, como tentativa extrema por parte de seu ego de barrar um vivido de passividade frente a uma alteridade interna inassimilável, na bus-

ca de salvaguarda psíquica.

2 - Joana Cahu Domingues. *Desamparo e Solidão: a história de Hélio, o carrapato*. Revista Trieb, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1 e 2, 2018.

[Sumário disponível neste link](#).

Resumo: Desamparo é o estado do recém-nascido, diante de sua incapacidade para realizar uma ação eficaz de alívio. É o estado inerente da primeira relação do bebê, a relação com a mãe. Ao mesmo tempo, é estrutural e fundamental na vida psíquica de todos os seres humanos, pois será o modelo que se repetirá na relação com o outro, cujo resultado dependerá do *quantum* de experiências positivas ou negativas daí decorrentes. O estado de desamparo surge a partir do momento em que o bebê, já reconhecendo o objeto externo como autônomo e fonte de realizações, precisa se separar em direção à sua própria autonomia. Tomado por angústias avassaladoras, o sentimento de desamparo poderá ser preponderante. A experiência do sentimento de solidão é o resultado das possíveis soluções para o estado de desamparo e diz respeito ao dado de realidade de que, mesmo na companhia do outro e de seus objetos internalizados, o indivíduo será sempre só, pois o objeto é o eterno ausente.

3 - Ruth Naidin (org.), Ana Maria Sabrosa G. C. Nogueira, Cassiane Crestani, Haydée Côrtes de Barros Silveira Piña Rodrigues, Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos, Maria Cristina Brandão Lobato Cunha, Maria Lucia Moret de Carvalho, Maria Noel Brena Sertã e Michelle Gorin. *Do susto à criação: a análise de crianças*

na pandemia. Revista Trieb, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1 e 2, 2020. [Disponível neste link](#).

Resumo: O trabalho relata experiências e questionamentos de um grupo de analistas de crianças no início do isolamento social, causado pela pandemia de Covid-19. Com o afastamento do consultório, fez-se necessário recorrer às ferramentas *online* para prosseguirem os atendimentos. Surgiram dificuldades, como o estabelecimento de um *setting* virtual, inexperiência com as ferramentas digitais, falta de privacidade, duração das sessões, dentre outros, e o trabalho mostra como puderam ser contornadas. Surpreendeu a disposição das crianças para seguirem em análise e a possibilidade de, gradativamente, se estabelecer um ambiente favorável à criatividade e ao fortalecimento dos vínculos entre as duplas. São apresentadas vinhetas para ilustrar os desafios e as experiências clínicas vividas.

4 - Tiago Mussi. *A transferência erótica e o lugar do analista (em formação): a trama fantasma*. In: Livro Virtual Fronteiras, 2020, p. 581-586. [Disponível neste link](#).

Resumo: A transferência erótica coloca questões de difícil manejo para o analista, sobretudo ao jovem analista em formação, mas também aos analistas mais experientes. A partir da análise de um caso sob supervisão oficial, estimulado pelas reflexões surgidas a partir da clínica, algumas questões acerca da transferência materna e da contratransferência são problematizadas.

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com